



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo

AUTOR

Ricardo Neves-Neves

ANO

2012

2016 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Ricardo Neves-Neves

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo

AUTOR

Ricardo Neves-Neves

ANO

2012

Este texto teve estreia em 2012,
no Obrador d'Estiu, na Sala
Beckett, Barcelona. Encenação
de Thomas Sauerteig.

2016 Coimbra



Ricardo Neves

1985. licenciado em Teatro pela ESTC e pós-graduado em Estudos de Teatro pela FLUL. Em 2012, participa no encontro internacional de jovens dramaturgos, orientado por Simon Stephens, *Obrador d'Estiu* - Sala Beckett, em Barcelona. Para além de Teatro, estudou também Música. Funda e dirige o Teatro do Eléctrico onde escreve e encena *O Regresso de Natasha*, *Manual*, *Black Vox*, *A Porta Fechou-se e a Casa era Pequena*, *O Solene Resgate*, *Mary Poppins*, *a mulher que salvou o mundo* e *A Batalha de Não Sei Quê*. No Teatro do Eléctrico, encena também *A Festa de Spiro Scimone*, *Menos Emergências* de Martin Crimp e Sebastião & Sebastiana de W.A. Mozart. Escreve *Delírio non-desvário* com encenação de Ana Lázaro e *Fantoches Gigantes* com encenação de Paula Sousa. Nos *Primeiros Sintomas*, é ator em *Cyrano de Bergerac*, *O Retrato de Dorian Gray*, *As Bodas de Figaro*, *Salomé*, *As Bodas*, *Os Assassinos*, *Repartição*, *E Agora Baixou o Sol*, *A Montanha Também Quem* e *O Morto* e a *Máquina* encenados por Bruno Bravo, *O Homem Elefante*, *O Pedro e o Lobo* encenados por Sandra Faleiro; e *Maria Mata-os* encenado por Bruno Bravo e Gonçalo Amorim.

PERSONAGENS

Mary Poppins

Pai

Mãe

Filho

Filha

Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo, numa primeira versão mais curta, foi apresentado em 2012 no contexto do *Obrador d'Estiu*, encontro de jovens dramaturgos, promovido pela Sala Beckett, em Barcelona. Foi encenado pelo alemão Thomas Sauerteig, em catalão e com actores catalães. A participação do autor português foi apoiada pelos Artistas Unidos e pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Ainda em 2012, a peça foi encenada pelo autor, numa co-produção entre o Teatro do Eléctrico e o Teatrosfera, com os actores Ana Valentim, Paula Sousa/Sílvia Figueiredo, Patrícia Andrade, Rafael Gomes e Vítor Oliveira. O espectáculo foi apresentado entre 2012 e 2013 no Espaço Teatrosfera (Queluz), nos Recreios da Amadora (Amadora), no Teatro Municipal Mirita Casimiro (Cascais) e no Teatro da Politécnica.

Parte I – Mary Poppins desce da nuvem e apresenta-nos o currículo.
(há chá e bolos)

MARY POPPINS - Já fui casada,
agora já não,
veja no meu currículo.
Tenho um ex-marido.
Toda a gente acha mal que eu diga ex-marido,
que nós não nos divorciámos.
Ele é que morreu.
Se o padre diz que é até que a morte nos separe e a morte já o fez,
então estamos aos olhos de Deus,
e com ele não compro guerras,
nem dadas as quero,
aos olhos de Deus estamos pois separados e sobre isso não há dúvidas.
Ele é o meu ex-marido e não outra coisa.
No início,
logo depois dele morrer,
eu chamava-o o meu viúvo.
O meu viúvo, com muita meiguice.
Ele era o viúvo e eu a viúva.
Achava isto de certa forma romântico.
Era romântico com certeza.
O viúvo e a viúva,
como o príncipe e a princesa.
O príncipe e a princesa é romântico.
Tudo o que faz par é romântico, por favor.
Menos o número de dedos numa só mão.
Isso não acho nada romântico.
Quando o número de dedos de uma mão apenas é par,
então não acho romântico.
Nem romântico nem belo
e viro-me de costas,
encarando uma parede.
Há quem os tenha,
sei que sim e já o pressenti.
Não me oponho,
cada um sabe de si e veja a tolerância que por aqui brota.
Mas o número dos dedos de uma única mão totalizando um número par,
não me arrebatava.
Quando a soma dos dedos de duas mãos dá par,
então é romântico.
Isso sim é romântico,
sobretudo se der 10, sem tirar nem pôr.
(pausa)
Fiquei viúva e não gostei.
Não estava com cabeça para isso.

Mas depois habituei-me.
Agora até gosto,
dá-me estatuto, como os cursos superiores.
Fica-me bem.
Quer chá?
Eu quero.
(*serve-se de chá*)
"Então e ele morreu de quê? Então e ele morreu de quê?",
perguntei prontamente,
quatro vezes,
quase chocada
e sem perder tempo,
que eu daria uma bela mulher de negócios.
"Morreu de quê? De quê?"
O interlocutor estava parado.
E eu a reclamar resposta urgente com os ombros e as sobrancelhas.
Dali nada vinha.
Eu, claro,
estava ansiosa para saber a resposta.
Tinha acabado de chegar a casa
e dão-me logo uma notícia daquele calibre?
Tinha no braço um cesto enorme de cogumelos selvagens
que tinha ido apanhar ao bosque.
Quilómetros para lá,
quilómetro para cá
e um cesto enorme.
Estava de rastos,
queria era deitar-me,
descansar as pernas.
Como não me deram uma resposta
fui para o meu quarto,
a fim de descansar um pouco
e na altura oportuna pegaria no assunto.
Cheguei ao quarto
e lá estava o meu marido,
aliás,
o meu ex-marido,
na cama,
deitado,
morto,
atravessado, na diagonal.
Deve ter vindo em ombros,
entornaram-no para cima da cama
e ali ficou,
na diagonal,
morto,
mas digno e sem moscas.

Eu que vinha aflita por me deitar um pouco,
depois daquela dura jornada,
com ele a ocupar os dois lugares
apenas me pude sentar numa cadeira almofadada.
O corpo dele imóvel,
torto,
deitado na cama
e ainda por cima morto.
Como a mim ninguém me apanha e noves fora nada,
voltei aos salões
e perguntei em voz grossa e firme,
desta vez a todos os presentes na sala,
que não eram poucos
e lá estavam de um lado para o outro,
a cochichar
e a comer aperitivos à americana,
e a beber vinho tinto do Cartaxo:
"De que morreu o meu marido?",
A sala parou.
A sala propriamente dita não,
que essa já nasceu parada,
infelizmente,
totalmente paralítica.
As pessoas na sala pararam,
com o olhar a espargir compaixão.

Espargir.

Espargir.

Como é que eu me fui lembrar agora desta palavra?
Nem sei se está bem empregue,
mas calha e soa bem,
que isto é internacional
e eu não quero que pensem
que na Lusitânia somos todos uns bardamerdas que por cá andamos,
e isto é terra de poetas, na falta de melhor,
e *ó mar salgado quanto do teu sal são lágrimas de Portugal.*
E assim que eu souber como se escreve *espargir*
compro um perfume novo,
que ainda não me entreguei totalmente à intelectualidade
e já estou solteira há muito tempo.
Lá estavam eles a espargir compaixão,
uma senhora já de idade levou os braços trémulos à cabeça,
à própria,
mas dali não saiu nada.
Ninguém me ofereceu uma resposta.
O tempo foi passando,
há sempre chatices para resolver
e acabei por não saber de que morreu o meu ex-marido.

O funeral foi muito bonito.
Havia flores,
uns paninhos de pano bordados à mão,
a condizer uns com os outros,
com umas rosinhas em relevo
e uns cachos de uvas ferrais pendurados assim à volta,
tudo feito em linha.
Aquilo que o padre disse.
Só não apanhei o início, que cheguei atrasada.
Mas tudo o resto.
Bonitos poemas ali se disseram.
(pausa)
Amei-o profundamente.
Amei o meu marido profundamente.
Às vezes sinto a falta dele.
Julgo que ainda o amo.
Não é a morte dele que me entristece.
É o amor que ainda lhe tenho.
(aponta para um prato de bolos)
E estes bolos,
são para quê?

Parte II – A Família regressa de uma manhã de caça e contrata Mary Poppins.

(a família está na caça. Chega da caça, a casa da caça)

PAI – Oh, que boa caçada! Que bela caçada. Valeu a pena sair ao sol. Que valente caçada. Sair ao sol, logo de manhã, sentir a chapada do orvalho, com nevoeiro e com sol, sair a assustar a grilagem, ligar os faróis do automóvel, como se, por ventura, houvesse pessoas que dissessem quotidianamente *automóvel* e *esferográfica*. Oh, que valente caçada!

FILHO E FILHA – Ih.

PAI – Naturalmente, o Pai. De mão a meio do corpo, assim, a Mãe.

FILHO E FILHA – (*cantam*) É a mamã. Na-na-na, Na-na-na. É a mamã. (*os filhos repetem a canção até novas ordens*)

PAI – (*em compasso binário*) Que dificuldade em classificar. Será isto um compasso binário ou um compasso quaternário? Estou a falar de música, não entres tão depressa nessa noite escura. Será isto que ouvimos um compasso binário ou um compasso quaternário? Pela forma como as frases se aconchegam ao tempo que têm, eu diria que é compasso quaternário. É – a – ma – mã, 1, 2, 3, 4. Na-na-na, Na-na-na. 1, 2, 3, 4. Ou é, É – a – ma – mã, 1, 2, 1, 2. Na-na-na, Na-na-na. 1, 2, 1, 2 – e então já é binário. Mas talvez seja quaternário. No entanto, ao mesmo tempo o compasso quaternário parece-me pouco provável, porque num compasso quaternário o primeiro tempo é acentuado, o segundo e o quarto são fracos e o terceiro tem uma intensidade intermédia. E a frase ficaria assim: **E** – **A** – **MA** – **MÃ**. Mas eu acho que a forma como está a ser feita é muito mais simples. Que não há 3 acentuações diferentes, uma forte, uma fraca e uma no meio das duas, até porque a execução repetida seria complicadíssima para bocas apoiadas em ouvidos pouco trabalhados. Assim, pela velocidade e pela obsessão, diria que é binário, compasso binário, mas sobretudo pela forma simples como a frase é acentuada. Atenção, é simples. **É** – **A** – **MA** – **MÃ**. **Na-na-na, Na-na-na. Pam** – pam – **pam** – pam, **Pam** – pam – **pam**. **Forte** – fraco – **forte** – fraco, **Forte** – fraco – **forte** – fraco. Ora, como é sabido, o compasso binário é uma célula rítmica formada por dois tempos, com um pulso forte e outro fraco, não é? É. O primeiro tempo do compasso é forte e o outro é fraco. O compasso binário é utilizado em marchas e nalgumas composições de música erudita e jazz, bem como no samba, no ska, na polca, na rumba e na bossa nova. É – **A** – **MA** – **MÃ**, tem um pouco disto tudo. A primeira frase é muito fácil de dividir. É – a – ma – mã. 1, 2, 3, 4. Quatro sílabas, quatro tempos ou duas vezes dois tempos. 1, 2, 1, 2. Mas a segunda parte tem seis sílabas ou duas vezes três sílabas. Na-na-na, Na-na-na, um dois três, quatro, cinco, seis. Ou, Na-na-na, Na-na-na, um dois três, um dois três. Vamos pegar nesta última possibilidade, que são três sílabas, portanto, duas vezes as três. São três sílabas, mas quatro divisões, ou quatro momentos, o que for, falta-me vocabulário, ou seja: na-na-na-pausa, na-na-na-pausa, na-na-na-pausa, na-na-na-pausa. 1-2-3-4, 1-2-3-4. (*conta pelos dedos*) Na-na-na-pausa, na-na-na-pausa, na-na-na-pausa, na-na-na-pausa. E a cada quatro, estas três sílabas mais o tempo da pausa, na-na-na-pausa, existe apenas 1 tempo, se for compasso binário. Cada vez que eu digo tudo isto, na-na-na-pausa, passa apenas 1 tempo. Na-na-na-pausa, ãh, só passou um tempo e a carga de nervos em que eu já estou? E se isto fosse o nosso coração, significava que esta música teria pelo menos 18-26 no que diz respeito à tensão cardíaca. Ora, 18-26 dá direito a hospital. Por isso, deixo aqui a advertência (*filhos suspendem a cantiga*).

há músicas muito lindas, mas que o nosso corpo não permite. Há mais pessoas a morrer numa marcha popular do que numa valsa ralentizada do Danúbio Azul em frente ao Parlamento de Budapeste, apesar da poluição do rio.

FILHO E FILHA – *(repetem a canção)* É a mamã, Na-na-na, Na-na-na. É a mamã.

PAI - Naturalmente, o Pai. De mão a meio do corpo, assim, a Mãe. Que boa caçada. Que bela caçada. Valeu a pena sair ao sol. Tanto dinossauro. Que valente caçada.

FILHO E FILHA – Sim, o pai.

PAI – Gostaram?

FILHO E FILHA – Sim.

PAI – Gostaram, os filhos?

FILHO E FILHA – Sim, pai. O Pai.

MÃE – Gostaram, os filhos?

FILHO E FILHA – Sim, mãe. A mãe. E mais nada.

PAI E MÃE – Oh.

FILHO E FILHA – E nós somos os filhos. O filho e a filha, da direita para a esquerda.

FILHO - O Filho e a Filha. Até vir outro tempo. Agora é aproveitar.

FILHA - Aproveitar e aguentar, aí. Até vir outro tempo, aí.

FILHO - Depois um é o pai e outro é a mãe. O pai e a mãe, da direita para a esquerda. Mas noutro tempo, um que ainda não chegou. Eu serei o pai e ela será a mãe. No futuro.

FILHA - Mas de filhos separados, de crianças diferentes. Não as mesmas. Outras. Não é que fosse impossível. Já aconteceu, mas não saíram como deve de ser, por causas de consanguinidade, que é punível até pela lei.

FILHO E FILHA - Assim, já que somos irmãos, se formos pais de crianças diferentes, com cunhados um do outro em separado, produzimos a vantagem-ãh, de que os nossos filhos serão filhos e netos e ainda assim primos, porque nós não somos filhos únicos. Somos irmãos, mas eles, os filhos destes filhos aqui, não. Não. São primos e os primos não são irmãos. Não.

PAI E MÃE – Oh.

FILHA - A não ser que de outra ovulação nasça outra criação. Mas as sondagens, não é sondagens nem proporções aquilo que pretendo pois dizer. É estatísticas, são estatísticas, são estatísticas que se diz.

FILHO E FILHA – Oh.

FILHO - As estatísticas dizem e apontam que teremos um vírgula dois filhos. Um vírgula dois filhos. O que normalmente resulta num filho e um cão. E digo cão já depois de muito reflectir. De muito reflectir e de fazer as contas apropriadas, sem calculadora, mas com tabelas. Um vírgula dois filhos é a média por casal. Um filho é um. Sobra zero vírgula dois. Zero vírgula dois é um quinto de um. Coincidentemente, um cão é um quinto de um filho. Assim, tudo se confirma. Um vírgula dois filhos é sem dúvida um filho e um cão. Zero vírgula dois vezes cinco dá um, isto só para confirmar. E não quero ofender os defensores dos animais.

FILHA - Um cão vive em média 15 anos. Quinze vezes cinco dá 75. 75 anos já é uma pessoa e logo um filho. Em média terei no futuro um filho e um cão, tudo aponta pela lógica e pela matemática que seja um filho e um cão. E depois do filho, tem de ser um cão. Senão de que serve o zero vírgula dois?

FILHO - Mas se em vez de uma varanda tiver uma marquise, fechada, sem ar, terei dois armários em vez de um cão, por razões de inabitabilidade animal. E são armários, que vivem o mesmo tempo que um cão ou mais, mas dão menos despesa, têm

um ladrar que se chama ranger e portanto também correspondem a zero vírgula dois, se, claro, obedecerem aos padrões standart de altura, que estão em directa relação com as medidas standart dos pés direitos das casas construídas nos anos 60, medidas que duram até hoje, que são mais baixas que as dos anos 50, mas mais altas que as mais pobres do século XVIII, mas muitíssimo mais baixas que as mais ricas do século XVIII, o mesmo, portanto, em letra romana. E se falasse em grutas subterrâneas abaixo do nível das águas do mar, falaríamos em medidas negativas. Mas o que lá vai lá vai e no Paleolítico Inferior não se usavam armários, porque não há medidas negativas aplicadas à matéria, a não ser nos buracos negros e, aí, os mistérios do Universo... E sobre esse assunto das casas tenho muito a dizer, mas sobre isso já escrevi o suficiente, obrigado.

PAI – Que boa caçada. Que bela caçada. Pensava que não íamos conseguir, que não íamos alcançar os ninhos. Mas conseguimos.

PAI E MÃE – (*isto é cansaço*) Pffff. Não é?

FILHO E FILHA – É, pai. É, mãe.

PAI – Diga-diga, já-sei, pois-estou-sim, é uma carta.

FILHO – Não é uma carta.

FILHA – É um recado. Quem será?

FILHO E FILHA – Deverá ser a resposta à nossa carta.

FILHO – A nossa carta era uma carta. Isso sim, era uma carta.

FILHA – Uma carta a tinta. Não era uma carta a lápis. Uma carta a tinta permanente. Sem desenhos, mas com carimbos. A tinta permanente.

FILHO – Permanente é para sempre. Permanentemente, parasempremente.

MÃE – A não ser nos cabeleireiros. E com essas não se escrevem cartas.

PAI – Antes fosse.

MÃE – Mas eu não. Não preciso. O meu penteado é congénito. Cresce de baixo para cima.

FILHO – Depois de escrevermos a carta, fomos à lareira e fizemos assim. Rsssc. Não foi?

FILHA – Assim. Assim. Rssssc.

FILHOS – Rsssc-Rsssc. Txxc-Txxc. (*tempo-tempo*) E atirámos assim. Hmm. Na lareira assim. Hmm. E soprámos assim. Vá fú. E foram por aí acima, zup, pela chaminé acima, zup. Terere-tetetete.

PAI – Pela chaminé?

FILHO E FILHA – Sim! As cartas com pedidos e desejos vão pela chaminé. Sobem pela chaminé. Ah! Deverá ser a resposta à nossa! Carta!

MÃE – É a nova preceptora. E está cá em casa.

PAI – Onde está?

FILHO – Em que salões?

MARY POPPINS – Bom dia.

FILHO E FILHA – Bom dia.

MÃE – Dizia então...

FILHO E FILHA – Quer chá?

PAI – ... que a sua graça era...

FILHO E FILHA – Eu quero.

PAI – Dizia então...

MÃE – Whisky, Filha.

FILHA – Yes, madam.

MÃE – Dizia então...

MARY POPPINS – Mary Poppins.

PAI – Curioso nome.

MÃE – Não estava à espera.

PAI – Mary Poppins?

MARY POPPINS – Sim.

MÃE – Mary Poppins.

PAI – Precisamos de si.

MÃE – Tem uma varinha mágica, não é?

FILHO E FILHA – Mãe!

FILHO – Veja!

FILHA – Aqui!

MÃE – Se a varinha for eficaz, fica.

PAI – Tem onde apontar?

MÃE – Filha, traz-me as peles.

FILHA – Yes, madam.

PAI – Mais lucros.

MÃE – Mais.

PAI E MÃE – Ah...-pontou?

MÃE – Hoje sonhei que via um rio da minha janela, coisa que no sonho era verdade, mas na verdade da janela não o vejo. Depois já não era um rio, era o mar, estava na areia e lançava-lhe umas flores encarnadas.

PAI – Ai. Outra vez.

MÃE – Hoje sonhei que via um rio da minha janela, coisa que no sonho era verdade, mas na verdade da janela não o vejo. Depois já não era um rio, era o mar, estava na areia e lançava-lhe umas flores encarnadas.

PAI – Que bonito. (*para Mary Poppins*) Diga-nos o que significa.

PAI E MÃE – Tornar-nos-emos riquíssimos?

FILHO E FILHA – Riquíssimos, riquíssimos.

PAI E MÃE – Ficaremos pois riquíssimos?

PAI – Mary Poppins, todos fizemos uma lista de desejos, para que se possa orientar.

MÃE – Como aqueles da passagem do ano, mas mais específicos.

Filho e Filha – Desejos! Desejos verdadeiros!

MÃE – Filha!

PAI – As listas, por favor.

FILHA – Yes, sir. Aqui estão.

FILHO E FILHA – Oh, sermos raptados por um alien verdadeiro, vermos a Terra de longe, do sítio onde já estão os dinossauros há muito tempo, poder acenar e ser visto e finalmente renunciar as verduras. Mary Poppins, please!

PAI – Se pudesse não ficar careca.

MÃE – Ser sempre assim, no mínimo. Pelo menos isto.

PAI – Ou disfarçar melhor com chapéus de abas. Jamais serei aceite pelas massas.

MARY POPPINS – Não?

FILHO – Mãe! É como se a água escorresse pelas paredes, lentamente, mas não a vejo. E quando nasci, naquele exacto momento, lembro-me de haver apenas uma pequena humidade no tecto, mas agora passado este tempo todo e li alguns livros, percebo que tenho já a água pelos joelhos e é disto que morrerei.

PAI – Ao menos a tua água está quente ainda.

FILHO – E eu que pensava que isto ainda era o início... já estou atrasado e hoje não vim precavido com os recibos verdes, por razões melindrosas. E qualquer dia mando um postal para as Finanças e outro para a Segurança Social e apenas um para os dois chegava, que eles agora cruzam informações, a dizer para já não contarem comigo, a nação que me perdoe, que eu ando a poupar, ainda tenho o sonho de me casar e se a lei da adopção não se dá aqui no sul, mais cedo vou, ainda ontem me perguntaram se eu não queria ir para o Luxemburgo fazer strip e ganhar como um licenciado, que por acaso é o que eu sou, mas ainda não me tinha dado conta, e a Excelência ganha de uma maneira, não é brincadeira nenhuma, que é mais que o dobro.

MÃE – Que vontade de mudar as coisas cá em casa.

PAI E MÃE – Filha!

FILHA – Yes?

MÃE – Acho que vou mudar o chão. Vou mudá-lo para o tecto.

PAI E MÃE – Filha!

FILHA – Yes?

PAI – Enche-me o cachimbo.

FILHA – Yes.

FILHO – Yes. Não?

FILHA – Yes, sir.

FILHO – Ah.

MÃE – Consegue, Mary Poppins? Para o tecto? Para o tecto e uma jarra?

FILHO – Mãe, um dia vou ter de sair de casa, não é?

PAI – Oh-oh, que pergunta. Oh-oh, que pergunta.

FILHO – Mãe, um dia vou sair de casa?

MÃE – Claro que sim, querido.

PAI – E a tua irmã também. E a tua mãe também.

MÃE E FILHA – Eu também?

PAI – Não. Oh-oh, que pergunta. A tua filha, a tua irmã. E a tua irmã também. E a tua mãe também.

MÃE – Ah.

FILHA – Eu também?

PAI – Sim.

FILHA – É verdade, mãe?

PAI – Sim.

FILHA – Mamã?

PAI – Sim-sim.

FILHA – Mamã?

PAI – Sim.

MÃE – É como um conjunto musical, as boys e band que se derretem, mas depois ficam todos a viver dos direitos de autor, como nas heranças.

PAI – E o sonho já nos disse que seremos riquíssimos.

MÃE – Riquíssimos, um descanso.

PAI E MÃE – Bâbâbâ.

(Filho e Filha chorosos)

FILHA – Quando?

FILHO – Quando será isso?

FILHA – Com que idade?

FILHO E FILHA – Hm?

FILHO – E se depois me arrependo, já de mochila às costas e exactamente debaixo da ombreira da porta de saída?

PAI E MÃE – Será totalmente irreversível.

FILHO – E é assim até quando?

FILHA – Até quando, sir?

FILHO E FILHA – Quando-quando?

MÃE – 115 de Março é para aí em Agosto e o calor que se aguenta.

FILHO – Apanhei-te.

FILHA – Mãe!

(a Mãe ri-se alto. Quando a Mãe termina de rir, o Pai abre e fecha a boca, sem pressa)

FILHA – Às vezes ponho-me a pensar e parece que já estive noutro sítio, que já vivi noutro sítio e quase que me convenço que essas são as memórias de uma vida passada, como as videntes que sabem o que é que nós fomos na vida passada, mas eu sei-o nas recordações desta vida, que estranho. Não foi numa vida passada. Foi nesta, tenho a certeza. E consigo descrever uma data de coisas e, faz favor, aceitem que é verdade, não são imagens sonhadas ou fabricadas pela minha imaginação, é tudo verdade. Mas não foi aqui, com esta gente, a minha família, o meu pai, a minha mãe e o meu irmão mais velho, querida Mary Poppins. São imagens com outras pessoas e consigo de facto descrever uma data de coisas e já aponte algumas num cadernito. São imagens com outras pessoas e elas estavam numa casa desde que eu acordava até que me ia deitar. A casa não era esta e as pessoas também não. E elas viviam de certeza nessa casa onde eu dormia. Viviam e falavam que eu bem as ouvia. Lembro-me. E davam-me a mão e pegavam-me ao colo e fazia calor. Não era aqui. Aqui também faz calor, às vezes, mas não era aqui. Depois havia um alpendre com umas estantes e uns pássaros, que às vezes morriam nas gaiolas, não duravam muito tempo nas gaiolas, morriam durante a noite, porque de manhã já estavam mortos. Talvez fosse a falta de ar. Havia uma mota e atrás do alpendre era um terreno com árvores. Também me lembro duns cães com uns narizes e umas cabeças. E quando vinham, vinham os dois. Eram dois, os cães. As palavras, as borboletas e as costeletas... Pensar que se podia morrer ao partir uma perna, que se pode, na verdade, mas antes era consequência inevitável, antes, quando eu pensava sobre isso, assim, era consequência inevitável e obrigatória. *(canta)* O gafanhoto salta, salta, salta, salta... Hoje vou à piscina. Vou à piscina de chinelos. E se salto da prancha, a bóia rebenta e olha, é assim que percebo que já sei nadar. *(canta)* O gafanhoto salta, salta, salta, salta. Às vezes voa, voa, voa, voa, voa. Anda contente, sempre na farra. Fugir da polícia, fugir dos cães, fugir da polícia e dos dois cães. Tocar campainhas, tocar nas pilinhas, toca a fugir, toca a escapar, a polícia vai-me apanhar. Ser da altura de um garrafão de 5 litros, como se houvesse memória para isso e força para os abrir... As costeletas são feitas de borboletas e os ouriços dão chouriços. Do outro lado da ponte há festa! *(canta)* Anda contente, sempre na farra. Mas onde é isto?

(Pai, Mãe e Filho cantam)

FILHO – A minha mana é, a minha mana é, ela é adoptada. A minha mana é, a minha mana é, ela é adoptada. Adoptada, deserddada. Ficarà sem quase nada.

PAI E MÃE – Sonasol. Si bemol. Aquafresh. Não está mal. Sonasol. Si bemol. Aquafresh. Não está mal.

FILHO, PAI E MÃE – A minha mana é, a minha mana é, ela é adoptada. A minha mana é, a minha mana é, ela é adoptada. Passámos em frente à loja de penhores. Na montra, a Filha a exprimir tais horrores. Saca da bolsa, “Olhe um cheque pré-datado.” “Dê à miúda leite desnatado.” Sona-sonasol. Si ou lá bemol. Pasta marca branca. Não está nada mal. Sona-sonasol. Si ou lá bemol. Pasta marca branca. Não está nada mal.

FILHO, PAI E MÃE – A minha mana é, a minha mana é adoptada.

(fim da canção)

FILHA – Eu sou adoptada?

(*o Filho atira um beijo a Filha*)

FILHA – Eu sou adoptada?

MÃE – Não.

PAI – Sim.

MÃE – Não, estúpido. Não! Burro!

PAI – Ah, não?

MÃE – Não. Não, filha, oh que disparate, não-não, filha, que disparate. Que disparate e etc. Tu que foste? Quem me viste?

PAI – Sim, então. Então não é? Ela é adoptada, não é? Então não é? É pois, então não é. Não és, filha? És adoptada, não és filha? Então não é? Ora.

FILHA – Não sei.

PAI – É, é. Então não é? Não é? Filha.

FILHA – Yes, sir?

PAI – Então estou a falar com quem? És adoptada, não és?

MÃE – Não és.

PAI E MÃE – Nós tínhamos um filho.

MÃE – Indemnizações?

PAI E MÃE – Já tínhamos um filho.

MÃE – Indemnizações?

FILHA – Eu sou adoptada?

FILHO – Mana?

MÃE – Indemnizações por omissões de informações é que eu não lhe pago.

FILHA – Eu sou adoptada?

FILHO – E agora como é que eu te chamo? E agora como é que eu a trato? Agora a mana, já não é mana.

MÃE – Indemnizações?

FILHO – E o nome dela que desapareceu?

PAI E MÃE – Nós já tínhamos um filho, antes de termos esta.

FILHO – O nome? Foi desaparecendo, o nome. Ruína greco-romana.

PAI E MÃE – Tínhamos um filho e uma filha, da direita para a esquerda.

FILHO – Até já não restar nada. Só filosofia.

PAI E MÃE – Da direita para a esquerda, cá estão eles.

FILHA – Eu sou adoptada?

PAI E MÃE – Um filho e uma filha. Agora. Mas antes era só um filho. Não era da direita para a esquerda. Era só este, no centro.

FILHO – Era só eu.

MÃE – O meu menino. O meu lindo menino. Que lindo, que lindo, que bonito, tão estético, ai que beleza.

FILHO – Dantes era só eu. Ela não havia.

MÃE – Que beleza, que bonito, que beleza e bem dotado.

PAI – Tínhamos este, tínhamos isto, o miúdo.

MÃE – Ai, hmmm. Hm-hmmm!

FILHO – Ela não havia. Não andava por cá.

MÃE – Que bem falante.

PAI – Tínhamos isto, o miúdo. É bonito é. Não está nada mal, grande boca.

Filho – O quê?

PAI – Ah!

FILHO – Oh pai!

PAI – Poi!

FILHO – Ah?

PAI – Sim! Reparem-me naquela boca. Que grande boca. Abre lá a boca. Abre a boca. (*o Filho abre a boca*) Abre a boca, mostra os dentes. (*já com a boca aberta, o Filho mostra os dentes*) Estão a ver. Isto é que é um maxilar, isto sim, forte, marmóreo, abre até atrás, fica com a cara dividida em dois, parece um melão. Parece aquelas pontes que sobem e descem. Abre lá a boca. Abre e fecha a boca. (*o Filho fá-lo, 2 vezes*) Não parece uma ponte levadiça de ferro e aço? Rica mandíbula. Que grande boca. Até racha cimento.

MÃE – O meu menino.

PAI – Que bela boca. É meu, o filho. Que rica boca. Assim vale a pena. Tem a quem sair. Que boa boca.

MÃE – Depois um dia de manhã, era sábado ou domingo ou um dia de manhã, lemos um artigo.

PAI E MÃE – Lemos um artigo na imprensa, era escrito, era artigo, jornalístico, e falava do número de filhos que se devia ter.

PAI – O número de filhos que um casal em média tinha.

MÃE – O número de filhos que um casal devia ter.

PAI – O número dos filhos que é para ter. Se é para ter é para ter.

PAI, MÃE E FILHO – Ah pois, não me iludas. Se é para ter é para ter. O que é para ter, que se tenha. Filhos, enxaquecas e os barcos estacionados numa marina.

MÃE – Já tínhamos um, não me apetecia mais. Tínhamos um, ora. Não chega? Chega. Chega, pois. Um filho, ora para quê mais? Para quê mais, ora que não. Negais? And so on. That's enough. Good? Indeed, ora que não. (*lança à Filha uma bola de fogo mortal*) Isto era eu enquanto pensava.

Pai e Mãe - Mais uma filha. Mais uma filha. Enganámo-nos quando lemos o artigo dos filhos e em vez de um vírgula dois, pensávamos que era um ou dois.

PAI – Veja. Veja bem. Leia lá. Leia lá e não se engane.

FILHO – Mana?

FILHA – Sim?

PAI E MÃE – Em vez de um vírgula dois como média por casal, pensávamos que era um ou dois. Problemas de interpretação.

FILHO – Mana?

MÃE – É um ou dois?

FILHA – Sim?

MÃE - Um chega-me.

PAI – Veja bem e não se engane.

MÃE – Ai.

PAI – Não será um e dois? Assim dá três. Três filhos.

MÃE – Três?

PAI – Veja. Um e dois dá três. Três filhos é o que é para ter. Três.

MÃE – Antes que se chegasse a essa conclusão dos três filhos, fechei a negociação para dois. Ora, três filhos. Três filhos dá direito a dois meninos e uma menina, ou um menino e duas meninas ou um menino, uma menina e cinco cães. Pior seria um menino e dez cães. Mas pior ainda seria uma menina e dez cães. Não ficaríamos mal com um menino e vinte armários ou uma menina e vinte armárias, e depois espaço para tanto mobiliária? Não posso pôr vinte armárias na cave por causa das medidas negativas. Já no Paleolítico Inferior se lidava com essa conjuntura. Pelo menos um tinha que se ter. Um filho. Senão o que seria do futuro? Deixar o futuro com os filhos dos outros? Isso é para quem se vira à esquerda. E o que é que eu faria com 10 cães e 10 armários? Ou com 30 armários e 0 cães? Jogava às matrioskas, uns dentro dos outros? E braços para acartar? E força muscular? Já não há filas que chegue e engarrafamentos na autoestrada? Era tudo à injeção letal, se fosse com os cães. E com os armários, serradura. Ao ponderar a situação, percebi que o melhor seria negociar. Se não era para ficar no filho único, então não passaria de dois. Quando se está a meio de um negócio, de negociações e perceberá, caríssima Mary Poppins, que eu sei que a senhora daria uma bela mulher de negócios, quando se vê num negócio, que a coisa pode dar para o torto, que isto do tudo ou nada para mim não serve, isso são riscos para as multinacionais e eu no que diz respeito a filhos sou estabelecimento local que não quero constituir comunidades e entre o tudo e o nada sempre há o mais ou menos. Vi a coisa a entortar e ainda me arriscava a que de um filho passasse a três e lá arranjei maneira de o convencer que não era nem um nem três que o artigo dizia. Era dois. E o Pai ainda agradeceu. Muito obrigado, muito obrigado. Até parecia que lhe estava a dar um automóvel.

PAI E MÃE - Enganámo-nos quando lemos o artigo dos filhos e em vez de um virgula dois, pensávamos que era um ou dois e assim como estávamos de passeio, era sábado ou domingo ou um dia de manhã, e a loja dos souvenirs estava fechada, devia ser domingo, comprámos esta, a miúda, vinha de bibe, e a despesa que dá agora, parece que não, mas ainda pesa ao fim do ano.

PAI, MÃE E FILHO – Ao fim do mês? Ao fim do ano, ao fim do ano! E quantos já vão agora?

PAI E MÃE - Passámos em frente à loja de penhores. Na montra, a Filha a exprimir tais horrores. Saca da bolsa, "Olhe um cheque pré-datado." "Dê à miúda leite desnatado." Sonasol, si bemol, Aquafresh, não está mal.

MÃE – Assim foi que nasceste sem interrupção menstrual. *(pausa)* Ama-nos?

PAI, MÃE E FILHO – Ama-nos? Ama-nos? Ama-nos?

(pausa longa)

FILHO – Mana?

FILHA – Sim?

FILHO – Está tudo bem? Estava preocupado.

FILHA – Porquê?

FILHO – Por causa daquilo de seres adoptada.

FILHA – O que é que tem?

FILHO – Como é que estás?

FILHA – Normal. Madam, há pão?

MÃE – Não sei. Compraste?

FILHA – Não há então. Não há pão.

FILHO – Não há pão?

FILHA – Está tudo normal. Porquê?

FILHO – Nada. Como descobriste que eras adoptada... Nem estás preocupada com aquilo da herança?

FILHA – Não me interessa.

PAI – Filha!

FILHA – Yes, sir?

PAI – Nada, era só para saber se estavas aí.

MÃE – Filha!

FILHA – Yes, madam?

MÃE – Compraste o pão?

FILHA – Vou comprar agora, madam.

PAI E MÃE – Filho!

FILHO – Ah?

FILHA – Sir! Madam! Mano! Está na mesa!

MÃE – Vamos para a mesa! Já para a mesa! Mas que barulho é este?

FILHO – Sim, mãe.

PAI – Que bela caçada!

FILHO – Vou já, só um minuto.

MÃE – Não é já, é agora. Para a mesa!

PAI – Que valente caçada!

FILHO – Sim, mãe!

MÃE – Filha!

FILHA – Yes, madam?

MÃE – Vai chamar o teu irmão!

FILHA – Yes, madam.

MÃE – E lava-lhe as mãos. Filha!

FILHA – Yes, madam. Mano, casa de banho!

FILHO – Já vai! Estou a acabar!

PAI – Filha!

FILHA – Yes, sir?

PAI – Foi ou não foi uma bela caçada?

FILHA – Yes, sir!

PAI – Foi, não foi, miúdo?

FILHO – Foi, pai!

FILHO E FILHA – O pai.

MÃE – Já lavaste as mãos?

FILHO – Já, mãe.

MÃE – Vive la Republique!

PAI – Que valente caçada! Agora digam-me lá se isto foi ou não foi uma valente caçada!

FILHO, FILHA – Foi, pai. O pai. Tudo normal. O pai e etc.

MÃE – Outra vez.

FILHO, FILHA – Ai, tudo normal, tudo normal, outra vez. E etc.

PAI - Não há quem meta o dedo.

MÃE, FILHO E FILHA - Lady Fingers ao chocolate, sobremesa de requinte!

FILHO E FILHA - Tudo normal.

MÃE - Outra vez.

FILHO E FILHA - Tudo normal, outra vez.

PAI - Lambam esses beijos e chupem na pontinha dos dedinhos!

MÃE - Tudo comido!

PAI - Tudo comido! Ai se viesse aí uma guerra!

MÃE - Ou um terramoto!

PAI - Ai se viesse aí um terramoto! Ou dois, às réplicas de metro e meio!

PAI E MÃE - Tudo comido!

PAI - Nem o prato ficava!

MÃE - Prato, antes escrevia-se com C. Practo. Mas depois Varsóvia proibiu, depois da II Guerra Mundial. Que barulho é este?

FILHO - Nada, mãe.

PAI - Foi o acordo ortográfico com o leste europeu. Pharmácia também perdeu o Ph, por uma questão de neutralidade para nós não entrarmos na guerra. Agora acordos é com toda a gente, mesmo sem haver uma guerra, acordos com toda a gente, porque nós não estamos sós. Há todo um mundo lá fora. Até à Lua, meus amigos, e as sondas pelo Universo!

MÃE - Filho, não faças barulho com os talheres, fica mal.

FILHO - Oh mãe.

MÃE - Filha!

FILHA - Yes, madam?

MÃE - Que barulho é este?

FILHA - Que barulho?

MÃE - Que barulho, dito assim?

FILHA - Que barulho, madam?

PAI - Ah!

MÃE - Este barulho, trugluglu.

FILHA - Não sei, madam.

PAI - Vai ver o que é.

FILHA - Yes, sir!

MÃE - Mary Poppins, é servida?

MARY POPPINS - Obrigada, trouxe de casa.

(som de tremor de terra, um som grave e muito alto. Também há o som de um camião em marcha atrás, som de loiças a tilintar nos armários)

PAI E MÃE - Oh! Já?

FILHO E FILHA - O que é?

PAI E MÃE - Já?

FILHO E FILHA - Mãe! O que é?

PAI E MÃE - Para as posições!

FILHO E FILHA - Pai! O que é?

PAI - Mary Poppins, foi rápida!

PAI E MÃE - Já?

MÃE - Mary Poppins, foi rápida!

FILHO E FILHA - O que é? Isto o que é?

PAI E MÃE – Chegou a hora. Tudo aponta pela hora e pelo chão a tremer que está na hora de passar pelo portal do futuro. Será agora. A Mary Poppins já começou a trabalhar. Em silêncio, a Mary Poppins começou a trabalhar. O portal do futuro, para o futuro. No futuro, é só pedir.

FILHO E FILHA – Mãe! Pai! As cartas com pedidos e desejos vão pela chaminé, sobem pela chaminé.

PAI E MÃE – No futuro é. No futuro é só pedir.

Parte III – A Família entra no Portal do Futuro. Está no Futuro.
Parte IV – A Família regressa do Futuro e o Final do espectáculo

FILHO E FILHA - Mary Poppins,

PAI - se soubesse que o futuro seria assim,

FILHO E FILHA – Mary Poppins,

MÃE - já lá tinha ido há mais tempo.

Já lá teria investido há mais tempo.

FILHO E FILHA - Se soubesse que seria assim,

o futuro,

tempo fácil,

risonho,

PAI E MÃE - já lá tinha ido há mais tempo.

FILHO E FILHA - Se soubesse que seria assim.

Se soubesse que o futuro seria assim

tinha deixado há mais tempo que me levasse ao futuro.

E agora que já lá fui,

que já dei uma espreitadela

estou ansioso(a) para que o futuro chegue,

estamos ansiosos para que chegue o futuro,

para que o futuro chegue.

PAI - Que dor no braço. Aqui.

FILHO E FILHA - Para que esta dor no braço aqui possa enfim desaparecer,
que desapareça de uma vez.

PAI - Estamos ansiosos para que o futuro chegue,

vamos lá dar mais uma saltada.

Venha Mary Poppins.

FILHA - O futuro vai mesmo ser assim?

PAI E MÃE - Venha Mary Poppins.

FILHO E FILHA - Venha querida Mary Poppins.

FILHA - O futuro vai mesmo ser assim? Assim bom?

PAI, MÃE, FILHO E FILHA - Assim? Bom?

FILHO E FILHA - Somos tão novos,

parece que somos novos demais para um futuro tão bom,

O que é feito do “ainda tens tanto que penar”?

Que tempo bom virá,

que chegue rápido esse tempo.

Mary Poppins, venha connosco.

Que chegue rápido esse tempo,

venha connosco,

mude-se connosco para o tempo que nos promete,

venha ver pelos seus olhos,

um tempo de aberturas e sol brilhante,

com anticiclones só no alto mar,

para agitar as águas,

dar oxigénio aos aquários.

Um tempo sem piratas,

com electricidade,
um futuro com electricidade ainda com C.
Nada está perdido,
com esta chuva miudinha.
PAI E MÃE - Querida Mary Poppins,
venha connosco ao tempo que nos promete,
traga o saco,
vamos enchê-lo,
que o tempo,
este de onde viemos agora e só fomos de passagem
é rico e enche sacos,
mesmo sacos desse tamanho,
dessa arquitectura e engenharia.
Antigamente achávamos doce o sabor do alcaçuz,
agora sabe a açúcar queimado,
amargo,
amarga a boca,
que grande boca,
que rica boca,
nem dá vontade de engolir,
ou dá vontade de engolir mais depressa
para que fique menos tempo na língua,
que sabor amargo,
para que fique menos tempo na nossa língua,
o sabor a alcaçuz,
que é agora amargo aquilo a que se chamava doce,
o alcaçuz,
lembra-se do que é?
É um género,
é uma goma,
mais dura,
mais antiga,
era doce.

FILHO E FILHA - O açúcar vai melhorando o seu sabor.
O açúcar vai melhorando o seu sabor à medida que o tempo passa.
Vai ficando mais doce. Mais doce à medida que o tempo passa.

PAI E MÃE - Que ricos tempos virão.

FILHA - Que doces tempos virão.

PAI - Que valente caçada.

FILHA - Que doces tempos virão.

PAI - Que valente caçada.

FILHA - Que doces tempos virão.

MÃE - Mary Poppins, venha connosco ao tempo prometido,
a esse tempo de atmosferas altas,
de atmosferas expandidas,
de perímetros aumentados,
o perímetro dos limites atmosféricos mais largo.

FILHO E FILHA - Com mais números,
sem vírgulas.

PAI E MÃE - Mais dígitos para suportar estruturas ósseas mais robustas.

MÃE - O tempo dos gigantes está a chegar.

PAI E MÃE - Atmosfera lenta,
passar mais devagar pelas moléculas do ar e pelas moléculas da água.

MÃE - O tempo dos gigantes está a chegar.

PAI E MÃE - Atmosfera lenta,
maior do que é agora,
mais densa,
com um ar que se bebe,
diminuir a gravidade,
aumentar as possibilidades.

FILHO E FILHA - Não saber se se cai ao chão ou se se cai ao tecto.

MÃE - Que vontade de mudar as coisas cá em casa.

Acho que vou mudar o chão,
vou mudá-lo para o tecto,

PAI E MÃE - Aumentar as possibilidades,
diminuir a gravidade.

FILHO E FILHA - Ser aéreo,
vaporoso.

FILHO - Uma pulga é capaz de saltar até à distância de um metro,
o equivalente,
em proporção de tamanho,
a um ser humano saltar o comprimento de um campo gimnodesportivo.

FILHA - Uma formiga consegue levantar até 100 vezes o seu peso,

PAI, MÃE, FILHO E FILHA - o que no meu caso seria poder levantar __ kg de uma
vez.

__ kg de uma só vez.

FILHO - __.

FILHA - __.

PAI - __.

MÃE - __.

PAI, MÃE, FILHO E FILHA - __ kg de uma só vez já me permitia fazer a mudança
integral ou parcial do meu chão para o tecto e assim ser mais feliz.

PAI E MÃE - Diminuir a gravidade,
aumentar a atmosfera,
os fardos são tão leves que se tornam intoleráveis.

FILHO E FILHA - Voam.

PAI E MÃE - Poder de uma vez por todas suportar o som de um buraco negro,
um som que é tão grave que me pode rasgar o corpo.

FILHO E FILHA - O futuro,
um tempo mais agudo que nem sei como o enfrentar.

Partindo do princípio,
atenção,
partindo do princípio de que o calor sobe,
não desce,

o calor sobe, não desce às profundezas,
sobe, atingindo os limites atmosféricos,
então o que é que está no Céu?

No Céu?

Com tanto calor a subir,
com tanta chama ascendente,
tanta chama a escapar-se para cima,
há milénios, para cima,
há milénios, chamas a escapar dos limites terrestres.

Se o calor sobe, não desce,
se é a única coisa que contraria a gravidade,
o calor,

o calor sobe contrariando a gravidade,
se com tantos anos de calor a subir,
de calor a subir para o Céu,
diga-nos então,
diga-nos o que está no Céu.

O que é que está no Céu com estas chamas a subir?

Temos andando aqui enganados?

PAI - Não permita que entremos nesse tempo que nos promete.

FILHO - Pare com esta promessa de tempos auríficos,

pare com esta felicidade,

acabe com ela,

pare com esta felicidade que nos promete,

a nós,

querida Mary Poppins.

FILHO E FILHA - Acabe com esta felicidade que nos promete, querida Mary Poppins,

somos novos demais para um tempo tão viçoso,
não precisamos de ajuda.

PAI, MÃE, FILHO E FILHA - Então o que será feito do “ainda tens tanto que penar”?

Somos novos demais para um tempo tão fecundo,
não precisamos de ajuda nem reforços,
isto é feito de ferro e aço, como as pontes levadiças,
não é só sorte de principiante,
não precisamos de ajuda, querida Mary Poppins
e é preciso trabalho abdominal para o tempo do riso,
dos dias a gargalhar.

Querida Mary Poppins, pare com esta felicidade,
precisamos que acabe com esta,
precisamos que acabe com esta felicidade.

FILHA – Precisamos que acabe com esta felicidade.



centro de
dramaturgia
contemporânea